

FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO SOCIAL

RELATÓRIO DE RESIDÊNCIA SOLIDÁRIA:
O DESAFIO DA IMPLANTAÇÃO DE UM ESPAÇO LÚDICO-EDUCATIVO
NA VILA JOANA D`ARC

Marisa Helena Erig Souza Lima

Orientadora Prof^a Dr^a Rosinha Carrion

2006

Apresentação

A Residência Solidária possibilitou uma experiência significativa na construção de conhecimentos sobre a comunidade da Vila Joana d`Arc. A observação das relações estabelecidas entre os membros da comunidade, o modo de vida dos moradores, os problemas enfrentados, as dificuldades que são de cada família, mas ao mesmo tempo da coletividade, as limitações de recursos, enfim, este contexto foi um campo fértil de estudo.

O Relatório da Residência Solidária é um esforço em integrar os conhecimentos teóricos da Gestão Social àquela realidade.

No primeiro momento do relatório é apresentado o contexto onde se desenvolve o projeto Crescer Juntos: Um Espaço Lúdico-Educativo na Vila Joana d`Arc. A seguir, na intenção de sistematizar a experiência, é feito o relato passo a passo da vivência: a formação da equipe, a busca de apoios e parcerias e a interação com a comunidade e as atividades do espaço lúdico-educativo.

Em momento seguinte, é tecida uma avaliação das atividades desenvolvidas durante o processo de implantação do espaço lúdico-educativo e, à luz dos conteúdos teóricos tratados durante o processo de formação, há a reflexão desta experiência vivenciada na Vila Joana d`Arc.

Por fim, são apresentadas as considerações finais, no sentido de contribuir para a qualificação de processos semelhantes no futuro.

SUMÁRIO

Introdução	04
Capítulo I: Contexto	
1.1. A Vila Joana d`Arc	05
Capítulo II: A Proposta do Trabalho de Intervenção	
2.1. Por que realizar um projeto	07
2.2. Objetivos do projeto	08
Capítulo III: Diagnóstico inicial da situação e proposta de ação	
3.1. Os beneficiários da ação.....	10
3.2. Resultados esperados	11
3.3. Recursos Administrativo-físico-financeiros e Humanos	11
Capítulo IV : A Residência	
4.1. A Interação com a Comunidade	15
4.2. Busca de Apoios e Parcerias	18
4.3. As Oficinas Lúdico-Educativas	20
Capítulo V: Avaliação da Experiência	
5.1. Aproximação ao Quadro de Metas.....	25
Capítulo VI: Reflexões da Vivência	
6.1. Considerações Teóricas	29
Considerações Finais	33
Referências Bibliográficas	35
Fotos e Anexo	

Introdução

A Residência Solidária constitui-se na práxis da gestão social. A gestão social tem a função de planejar, organizar, dirigir e controlar a ação social, para tanto exige competência técnica, gerencial e política na administração das relações, e tem como desafio a sustentabilidade.

O presente Relatório de Residência Solidária apresenta uma experiência realizada a partir do engajamento a um projeto social, o projeto Joana d`Arc em Luta pela Dignidade, desenvolvido numa comunidade periférica de Porto Alegre, a Vila Joana d`Arc. A instituição proponente é a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e a unidade executora é a Pró-Reitoria de Extensão através da Extensão Comunitária. O projeto Joana d`Arc em Luta pela Dignidade é patrocinado pelo Programa Petrobrás Fome Zero, edição 2005.

A Residência teve início com a integração ao referido projeto como técnica de Pedagogia com a função de implantar um espaço de convivência infantil para os(as) filhos(as) de 36 mulheres que participam de atividades para a construção de uma cooperativa de produção de alimentos, planejada e desenvolvida como forma de geração de trabalho e renda.

Assim se deu a proposta de elaboração de um subprojeto Crescer Juntos: Um Espaço Lúdico Educativo na Vila Joana d`Arc (anexo). Este tem o objetivo de organizar o espaço infantil tendo como prioridade o desenvolvimento das crianças e das famílias participantes. Busca ser uma alternativa de educação não-formal que privilegia a socialização e o aspecto lúdico da aprendizagem.

I. Contexto

1.1. A Vila Joana d`Arc

O contexto onde se desenvolve o projeto Crescer Juntos é a Vila Joana d`Arc, localizada na região leste da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, entre as avenidas Protásio Alves e Antônio de Carvalho. O acesso é precário, há duas formas de entrar na vila: pela Av. Protásio Alves junto aos prédios do Plano Cem, onde trafega-se por uma estrada de chão, ou pela Vila Boa Vista através de um acesso que só pode ser percorrido à pé, há uma estreita passagem por entre as casas da vila, com muitos fios de energia elétrica puxados, córrego e escadaria.

A Vila Joana d`Arc está na encosta de uma pedreira, tem vasta área verde e construções diversificadas, casas de alvenaria, casas de madeira, casas com cerca, hortas e jardins e casebres muito precários. Parte das moradias da vila se encontram em um local de preservação ambiental.

A comunidade é constituída por aproximadamente 500 pessoas¹ (115 famílias). Contudo, este número vem aumentando ao longo do tempo e de maneira desordenada. Parte desta comunidade está localizada em uma área de preservação ambiental que vem sendo ocupada pelas novas sub-habitações construídas quase que diariamente. Não existem dados oficiais quanto saúde, escolaridade, idade, doenças etc., dos moradores, e, apenas recentemente, em 2003, parte dos terrenos ocupados foram reconhecidos como propriedade dos moradores.

A vila possui três pequenas igrejas, uma católica e duas evangélicas, uma Associação de Moradores com sede própria, mas desativada, e dois armazéns. Não há escola, creche, nem outros recursos educativos e de cuidados com as crianças da comunidade. Os moradores precisam deslocar-se a outras comunidades para serem atendidos nas suas necessidades em relação à educação e saúde. Não há transporte público que circule na comunidade nem pavimentação nas ruas. Em algumas partes da vila o abastecimento de água e energia elétrica é clandestino e o esgoto corre a céu aberto. Como não há sistema de coleta de lixo, o lixo é acumulado em determinados lugares. É preocupante a forma como as pessoas estabelecem

¹ Dados levantados em 2001 pela Associação de Moradores da Vila Joana d`Arc.

relações com o meio ambiente, lidam com os recursos naturais sem ter consciência da finitude dos mesmos.

A maior parte dos moradores está inserida no mercado informal de trabalho, sobrevivendo com pequenos ‘bicos’ ou subempregos. Mais de 90% das mulheres não possuem emprego, nem mesmo atividades temporárias remuneradas. Algumas delas plantam algo em seu jardim e criam galinhas para consumo da família, e outras fazem doces e salgados para vender na rua, mas a maioria permanece em casa desenvolvendo trabalhos domésticos.

A violência faz parte do contexto. Nos meses de maio e junho duas pessoas foram assassinadas com arma de fogo e algumas crianças relataram que alguns membros da comunidade encontram-se em presídio.

A comunidade é dividida em três regiões, sendo estas, o centro da vila, onde está localizada a igreja Católica, a Vilinha, onde se encontram as moradias instaladas na área de preservação que fica após uma grande vala, e “os lá de cima”, são os moradores que residem acima da igreja.

II. A Proposta do Trabalho de Intervenção

2.1. Por que realizar o projeto?

O projeto Crescer Juntos: Um Espaço Lúdico-Educativo na Vila Joana d`Arc surgiu de uma preocupação: a falta de um espaço infantil na vila Joana d`Arc destinado às crianças pré-escolares. As crianças costumam ficar em casa sob os cuidados das mães e irmãos mais velhos. Em seu cotidiano, as crianças vivem o mundo dos adultos, ficam dentro de casa, algumas vezes, auxiliando no trabalho doméstico, ou estão na rua onde inventam brincadeiras com outras crianças, sem dispor da orientação de um adulto.

Nos dias de hoje, há uma maior conscientização da relevância da educação infantil no processo de constituição do sujeito, tal percepção é alicerçada em conhecimentos científicos e em diversificadas experiências pedagógicas. A educação das crianças de 0 a 6 anos em creches ou instituições equivalentes tem sua necessidade reconhecida no aumento gradativo de matrículas. Essa demanda também aumenta à medida que cresce a inserção feminina no mercado de trabalho.

O reconhecimento da criança como sujeito de direitos é ainda recente. A educação como um direito da criança aparece na Constituição Federal de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei Federal nº 8.969/90) que prevê o direito da criança à educação (pública, gratuita e de qualidade) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394 de 1996) que salienta a obrigatoriedade do Estado com a educação escolar pública e o dever de garantir atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade.

A educação infantil é assim definida na LDB: “A Educação Infantil, primeira etapa do ensino básico, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade.” (art.29)

O acesso à Educação Infantil por crianças desfavorecidas economicamente ainda é um problema no Brasil, o número de escolas infantis ou creches públicas é insuficiente para atender a crescente demanda.

O Censo Demográfico de 2000, realizado pelo IBGE, mostra que no Brasil, de um universo de 16.386.239 crianças em idade de 0 a 4 anos, apenas 2.604.282 crianças, 15,8 % delas, frequentam creche ou pré-escola, pública e privada. A integração à educação infantil é

maior na faixa etária de 5 a 6 anos, apresentando 4.816.385 crianças matriculadas em pré-escolas.

Segundo dados do PNAD 2004 (Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar), no Rio Grande do Sul, 64% das crianças em idade de 5 a 6 anos freqüentam pré-escolas, públicas e privadas.

Em Porto Alegre, são 5.619 crianças em idade entre 0 a 6 anos atendidas na rede municipal de ensino e 8.520 crianças acolhidas em creches comunitárias conveniadas à SMED (Secretaria Municipal de Educação).²

Este panorama mostra a problemática do atendimento às crianças pré-escolares ao mesmo tempo que justifica a necessidade de pensar no atendimento a essas crianças, afim de garantir o seu bem-estar fora do ambiente familiar e possibilitar o engajamento das mães em atividades de trabalho e renda.

Na vila Joana d'Arc não há um espaço para lazer e educação. Há algum tempo, existiu uma creche junto à Associação dos Moradores que recebia recursos e doações de uma entidade alemã e do Comitê Social do Banco do Brasil. Devido a falhas na administração dos recursos e dificuldades de atuação da comunidade, os recursos foram cancelados e a creche extinta. Segundo relatos dos representantes locais, a comunidade não soube utilizar a creche e nem se apropriar dela como um espaço coletivo. Passada essa experiência, a população local mostrou-se ressentida com a perda deste recurso, mas ainda precisa organizar-se e mobilizar-se para dispor novamente de um local próprio para o atendimento das crianças.

A situação das crianças em idade pré-escolar na vila Joana d'Arc é preocupante, a maioria das crianças em idade de 0 a 6 anos estão sem acesso à educação infantil, pois as creches e as escolas infantis do entorno não dispõem de vagas. A comunidade tem uma demanda que indica a necessidade de um espaço de atendimento à criança que seja permanente e contemple grande parte das famílias da comunidade.

2.2. Objetivos do projeto

O projeto Crescer Juntos: Um Espaço Lúdico-Educativo na Vila Joana d'Arc tem como objetivo geral contribuir de forma significativa para a melhoria na qualidade de vida

² Dados disponíveis, em novembro de 2005, no site www.portoalegre.rs.gov/smed

dos moradores da Vila Joana d'Arc. Seu objetivo específico é implantar um espaço de convivência infantil para os(as) filhos(as) das 36 mulheres participantes do projeto Joana d'Arc em Luta pela Dignidade, envolvidas em atividades de trabalho e renda.

A proposta do projeto é implementar um espaço destinado às crianças desenvolvendo atividades lúdico-educativas que venham a contribuir para o desenvolvimento integral dessas crianças. Pretende ser um ambiente acolhedor de cuidados e educação, oferecendo atividades próprias para a idade e atenção pedagógica às necessidades das crianças matriculadas no Ensino Fundamental.

Também é uma das propostas do projeto ser uma experiência pedagógica que leve a comunidade a mobilizar-se na reivindicação de educação infantil para o atendimento das crianças da comunidade.

III. Diagnóstico Inicial da Situação e Proposta de Ação

3.1. A população beneficiária da ação

Na elaboração do projeto os dados sobre a comunidade foram extraídos de um levantamento realizado em 2001 pela Associação de Moradores da Vila Joana d`Arc. Disponha-se de informações sobre o número de moradores, média de dependentes menores de idade por família, população economicamente ativa, em situação de emprego e desemprego. Em relação às crianças, sabia-se da demanda existente na comunidade, mas as características específicas (idade, interesses, cultura) eram desconhecidas.

Sendo o projeto Crescer Juntos um sub-projeto do projeto Joana d`Arc em Luta pela Dignidade estava previamente definido que o público diretamente beneficiado seria os(as) filhos(as) das 36 mulheres participantes deste projeto. Foi estabelecido que a faixa etária atendida seria de 3 a 12 anos. Assim, foi proposta a organização das crianças por idade: pré-escolar, de 3 a 6 anos, e escolar, de 7 a 12 anos, sendo já prevista como condição de participação que a criança em idade escolar esteja matriculada e freqüentando a escola.

As crianças de 0 a 3 anos não foram contempladas em função da falta de recursos materiais e humanos disponíveis. Posteriormente, será preciso buscar alternativas junto às mulheres para que se organizem nos cuidados dessas crianças de forma que possam participar das atividades de trabalho.

Já, em contato com a comunidade, em uma reunião com os representantes locais, realizada em 4 de dezembro de 2005, na igreja católica, onde estavam presentes o pároco, duas representantes da Pastoral da Igreja Católica na comunidade, uma pedagoga, moradora da Vila Joana d`Arc e membros da equipe do projeto “guarda-chuva”, foram pensadas as formas de escolha do público beneficiário ficando definido que as mulheres convidadas a participar da construção da cooperativa seriam as mais carentes da comunidade, aquelas que fazem parte da lista do Programa Fome Zero, recebendo mensalmente alimentos. Logo, o público alvo do projeto Crescer Juntos foi determinado, seriam os filhos destas mulheres.

O acesso aos nomes incluídos na lista dos beneficiários do Programa Fome Zero só ocorreu após uma reunião na comunidade, no dia 9 de abril, num domingo à tarde, em que estavam presentes o Prof. Pedrinho Guareschi, consultor do projeto Joana d`Arc, o pároco responsável pelas paróquias da região da Vila Cefer, entre elas a Igreja Santa Joana d`Arc, um seminarista, a secretária da Associação dos Moradores da Vila Joana d`Arc, três representantes da Pastoral da Igreja Católica, os técnicos do projeto, uma voluntária do

Doutorado em Economia Solidária, uma estagiária da Psicologia e uma da Psicopedagogia. Uma das representantes da Pastoral forneceu as informações sobre as mulheres da lista. A partir daí foi possível identificar o endereço das residências para dar início ao contato direto com as famílias beneficiárias.

3.2. Resultados Esperados

O trabalho com a comunidade tem a intenção de desencadear a conscientização das necessidades das crianças e das mulheres, a valorização do espaço comunitário e o desenvolvimento das famílias envolvidas.

Através das oficinas lúdico-educativas pretende-se promover a socialização, utilizando-se de brincadeiras e atividades que favoreçam o desenvolvimento cognitivo, motor e da linguagem das crianças. Com o apoio psicopedagógico espera-se que as crianças com dificuldade de aprendizagem possam perseverar na escola formal.

Ao implicar as mulheres nas atividades lúdicas com as crianças tenciona-se orientá-las afim de que possam desenvolver capacidades pedagógicas para dar continuidade ao trabalho do espaço lúdico-educativo após o término do projeto.

Ao término do projeto espera-se que as crianças da comunidade tenham garantido um espaço infantil para o seu atendimento, seja na própria comunidade ou em instituições do entorno.

3.3. Recursos Administrativo-físico-financeiros e Humanos

O subprojeto Crescer Juntos está ancorado no projeto Joana d`Arc em Luta pela Dignidade que tem como instituição proponente a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) e como unidade executora a Pró-Reitoria de Extensão através da Extensão Comunitária. Assim, utiliza a infra-estrutura disponibilizada pela PUC/ PROEX e conta com a colaboração da equipe envolvida naquele projeto. Os recursos financeiros advêm da Petrobrás através do Programa Petrobrás Fome Zero, fonte financiadora do projeto guarda-chuva. Os recursos financeiros destinados ao projeto Crescer Junto compreende bolsa auxílio

mensal para quatro estagiários, pagamento de um técnico, verba para aquisição de equipamentos e materiais para o espaço lúdico-educativo e verba para o lanche das crianças.

O local onde serão desenvolvidas as atividades lúdico-educativas é a capela Santa Joana d'Arc. A capela fica ao lado do salão paroquial, no alto da vila. A sede do espaço lúdico-educativo é um local claro, arejado e limpo. Será um lugar provisório para o trabalho com as crianças, pois permanece sendo utilizado para a realização de missas nos finais de semana, o que nos obriga a semanalmente recolher os materiais.

Os recursos humanos previstos para a implementação espaço lúdico-educativo eram: dois coordenadores técnicos em Pedagogia, uma delas moradora da vila, um técnico em Artes Cênicas, uma Nutricionista e dois estagiários, graduandos da Pedagogia ou Psicopedagogia e Educação Física. Um técnico em Pedagogia e os estagiários já eram previstos nos recursos do projeto guarda-chuva. Para complementar os recursos humanos serão convidadas algumas mulheres para auxiliarem no desenvolvimento de atividades com as crianças. Estas serão orientadas para envolverem-se em atividades recreativas com as crianças utilizando materiais educativos, jogos, livros e brinquedos.

Já na primeira reunião com representantes da comunidade, em 4 de dezembro de 2005, foi descartada a participação da pedagoga residente na comunidade. Sua colaboração no projeto não será possível porque não dispõe de tempo devido ao trabalho de monitora em uma escola pública. É lamentável, pois seria de grande relevância para a continuidade e sustentabilidade do espaço lúdico-educativo. A contratação da técnica em Artes Cênicas não foi possível por falta de recursos financeiros.

A formação da equipe se deu concomitante a estruturação da equipe do projeto Joana d'Arc. Os estagiários, estudantes da PUCRS, e os voluntários ou colaboradores foram aos poucos e integrando a equipe, cada um colaborando com suas idéias e o seu trabalho.

Em novembro, a equipe técnica divulgou o projeto Joana d'Arc em Luta pela Dignidade nas turmas de Psicologia, onde ofereceu estágio curricular de 20 horas semanais. Isso foi possível porque contávamos com duas psicólogas na equipe aptas para desenvolver a supervisão dos estagiários. O objetivo do estágio curricular era reforçar o vínculo do estudante ao projeto. Também foram distribuídos panfletos nas faculdades de Administração, Nutrição, Pedagogia e Educação Física, oferecendo estágio extracurricular de 15 horas semanais.



**Projeto Joana d'Arc contra a pobreza:
uma luta a favor da dignidade**

INSCRIÇÕES ABERTAS até 30 de novembro
 - ESTÁGIO EXTRACURRICULAR (15h semana)
 Administração de Empresas
 Educação Física
 Nutrição
 Pedagogia
 - ESTÁGIO CURRICULAR (20h semanais):
 Psicologia (Comunitária)

Oferece: Bolsa auxílio mensal
 Informações e Inscrições:
 Pró-Reitoria de Extensão
 proex@pucrs.br
 www.pucrs.br/proex/extensaocomunitaria
 Fone: 51 3320 3680
 Prédio 40 Sala 201

Patrocínio: 

O projeto Joana d'Arc dispunha de bolsa auxílio mensal para oito estagiários, sendo dois da Psicologia, dois da Pedagogia, um da Administração de Empresas, dois da Educação Física e um da Comunicação Social. Para a seleção foi realizado um encontro com os estudantes inscritos. Após a apresentação de cada participante, a equipe técnica apresentou o projeto e depois solicitou que cada um expressasse sua opinião a respeito da proposta do projeto, enfatizando os aspectos que mais tivessem chamado sua atenção. No dia seguinte, os candidatos participaram de uma dinâmica de grupo. Foram selecionados três estagiários, sendo duas alunas da Psicologia Social e uma do curso de Geografia.

Os estudantes presentes eram todos da Faculdade de Psicologia onde foi realizada a divulgação em salas de aula, com exceção de uma estudante da Geografia que soube do projeto através de um amigo. A estudante de Geografia tinha experiência como professora de séries iniciais, assim acreditou-se que ela pudesse contribuir no trabalho com as crianças, mas afastou-se do projeto optando por um estágio direcionado para a Geografia.

O grupo passou a reunir-se todas as quartas-feiras no prédio 40 da PUC, na sala 411 da Extensão Comunitária. A comunicação entre os participantes da equipe do projeto é realizada pelo e-mail joanadarcgroup@hotmail.com.

Não obtendo todos os estagiários previstos, a coordenadora do projeto contatou com os professores representantes da Extensão Comunitária para indicação de alunos com perfil para o trabalho, e novamente foram distribuídos panfletos com informações sobre o estágio nos cursos de Pedagogia, Psicopedagogia, Nutrição, Educação Física e Administração. Apenas um estudante da Educação Física demonstrou interesse, ele apresentou-se ao grupo numa reunião da equipe e relatou a experiência que teve com classe populares. Mas, alguns

dias depois enviou um e-mail dizendo que não poderia participar do projeto em função de outros compromissos assumidos.

Em dezembro, ingressou na equipe uma voluntária do Doutorado em Economia Solidária, que trouxe muitas contribuições para a estruturação do trabalho. Também passou-se a contar com uma colaboradora estudante da Psicologia.

Durante os meses de janeiro e fevereiro os estudantes estavam em férias, o que dificultou o recrutamento de mais estagiários.

Em março foi retomada a seleção, foram visitadas turmas dos cursos de Pedagogia e Educação Física divulgando pessoalmente o projeto. O curso de Pedagogia tem aulas à noite, e muitas das estudantes já são professoras de escolas públicas ou privadas que buscam aprimoramento profissional através desta formação. Algumas semanas depois, duas estudantes de Pedagogia e uma da Psicopedagogia procuraram a Extensão Comunitária em busca de maiores informações sobre o projeto passando a integrarem a equipe, mas apenas a graduanda da Psicopedagogia permaneceu como estagiária até sua formatura, que ocorreu no final do semestre. Uma das estudantes de Pedagogia logo desistiu do projeto em função da realização de um estágio em uma escola particular e a outra ficou no grupo como voluntária até o mês de maio, mas não dispunha de tempo para ir na comunidade, nem conseguia participar de todas as reuniões. No curso de Educação Física não houve nenhum estudante interessado.

No mesmo mês foi contatado novamente o curso de Nutrição que descartou a possibilidade de estágio tendo em vista não haver um técnico no projeto para dar suporte ao estagiário. Passou-se então a buscar voluntários nesta área. Foi colocado um cartaz na Escola de Saúde Pública de onde surgiu uma interessada, ao mesmo tempo, um técnico da equipe convidou uma amiga formada em nutrição pela UFRGS para conhecer o projeto, já que sabia de seu interesse por projetos sociais. Estas duas profissionais passaram a integrar a equipe, uma como consultora e outra como colaboradora.

Durante as reuniões com representantes da comunidade, um estudante de Teologia engajou-se à equipe, indicado pelo consultor do projeto, tornando-se estagiário. Este estudante já tem formação em Filosofia e veio a ser um elo entre os atores locais e a equipe do projeto.

Desta forma, o projeto Crescer Juntos teve a participação de apenas uma estagiária da Psicopedagogia para trabalhar com os beneficiários do espaço lúdico-educativo, e contou com a colaboração da equipe do projeto Joana d`Arc (anexo). Logo, ainda carece de recursos humanos que poderão surgir ao longo do desenvolvimento do projeto.

IV. A Residência

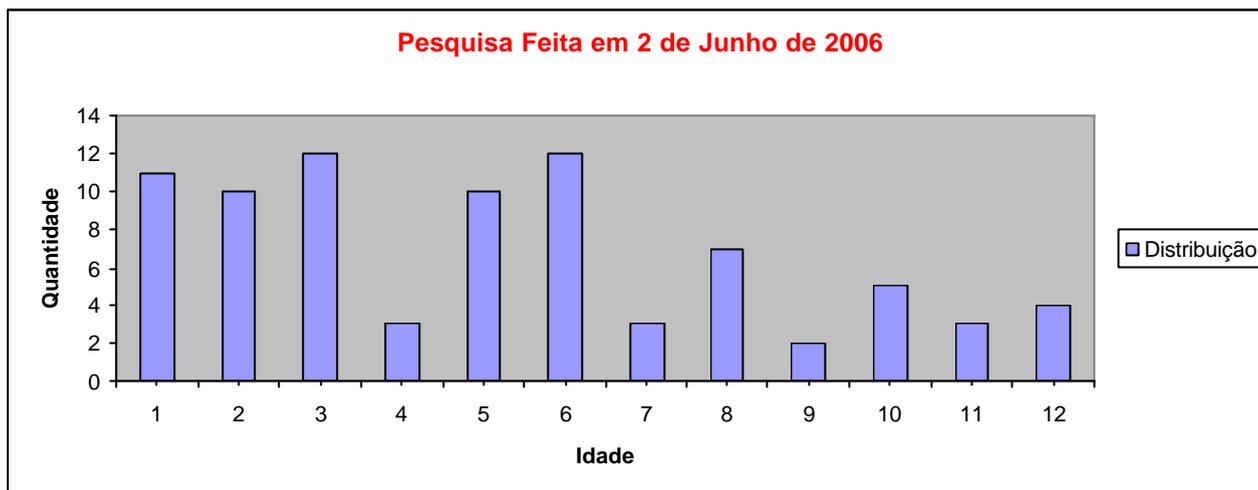
4.1. A Interação com a Comunidade

Tendo já se efetivado a assinatura do contrato entre Petrobrás e PUC/RS em 10 de abril, a equipe decidiu ir a campo mesmo sem ainda contar com o respaldo financeiro, pois a liberação dos recursos financeiros se deu em 24 de maio. Assim, em 06 de maio, foi dado início às entrevistas com as mulheres através de visitas domiciliares para o preenchimento de um formulário com informações que auxiliavam a mapear o perfil das mulheres e das crianças participantes. Depois de entrevistar 34 mulheres da lista do Programa Fome Zero, outras interessadas foram entrevistadas, mas estas eram avisadas que ficariam numa lista de espera, podendo serem chamadas à medida que surgisse vaga.

Este contato com as mulheres foi de fundamental importância, a entrada nas residências das famílias desencadeou inquietações, muitas perguntas surgiram na tentativa de dar significado aquela realidade, à situação de pobreza e ao estado de precariedade que aquelas pessoas se encontram.

A partir das primeiras entrevistas, com 34 mulheres, foi possível fazer um levantamento das idades de 63 crianças. Havia onze crianças de 0 a 2 anos incompletos, destas, sete tinham menos de 1 ano, e quatro mais de 1 ano, com 2 anos havia dez crianças, logo, vinte e uma crianças não participariam do espaço lúdico-educativo. As crianças que se encontram na faixa etária de 6 a 12 anos eram: vinte e sete crianças pré-escolares com idade entre 3 e 6 anos, sendo doze com 3 anos, três com 4 anos, dez com 5 anos e doze com 6 anos. As crianças em idade escolar, entre 7 e 12 anos, totalizavam vinte e seis: três com 7 anos, sete com 8 anos, duas com 9 anos, cinco com 10 anos, três com 11 anos, quatro com 12 anos. Todas as crianças escolares encontram-se matriculadas no Ensino Fundamental, estando quatro na 1ª série, dez na 2ª série, três na 3ª série e uma na 4ª série.

O gráfico a seguir demonstra a distribuição das crianças por idade.



Em 01 de agosto iniciaram-se as entrevistas individuais com as mães das crianças que estão freqüentando o espaço lúdico-educativo. Neste contato com a mãe buscamos informações sobre a história de vida da criança, desde a concepção. É enfocado o desenvolvimento psicomotor, linguagem, sexualidade, sociabilidade, escolaridade e saúde. As entrevistas foram realizadas por uma pedagoga e uma estagiária da Psicologia. Através das informações colhidas com as mães buscamos ajudar as famílias a intervirem de forma positiva no desenvolvimento da criança, seja através de estimulações ou pela procura de auxílio de profissionais disponíveis nas instituições do entorno, tais como médicos, psicólogo, assistente social.

As visitas às escolas foram agendadas a partir da queixa trazida pelas famílias em relação a problemas de aprendizagem. Na escola procuramos identificar, com o professor ou o coordenador, as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelo aluno e suas causas. O objetivo é facilitar o intercâmbio família-escola e orientar a criança na sua dificuldade escolar através de apoio psicopedagógico.

O projeto tem a preocupação em oferecer apoio às crianças escolares, pois grande parte delas são alunos repetentes. Segundo dados de um estudo publicado em 2006 pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)³, no Brasil 84% dos estudantes afastam-se da escola na 4ª série do Ensino Fundamental e apenas 57% concluem o Ensino Fundamental. Entre os motivos estão a falta de estímulos no contexto escolar público e a impossibilidade do ambiente social proporcionado pelas famílias de classe popular complementar e suprir as deficiências da escola, a conseqüência é o despreparo e a falta de motivação do aluno nas disciplinas escolares que tem dificuldades, aquelas cujos os conhecimentos não lhe fazem

³ www.ipea.gov.br Brasil:O Estado de uma Nação 2006. Cap. III Educação no Brasil: Atraso, Conquistas e Desafios.

sentido, provavelmente por não fazerem parte de seu contexto. Assim, de um lado temos a incapacidade da escola em seduzir o aluno, seja pelas instalações físicas, formação e estímulo do professor e por outro, temos as restrições econômicas do ambiente social que não tem condições de oferecer um suporte cultural que possibilite à criança transpor e contextualizar os conhecimentos escolares, pois a população mais pobre não tem acesso a livros, revistas, computador, internet ou apoio adicional nos estudos.

Na primeira família visitada foi perguntado onde a criança fazia as lições de casa, tendo em vista a casa ser muito pequena, apenas uma peça, a resposta obtida foi a de que ela sentava no chão para escrever no seu caderno, em um assoalho de madeira, na parte da casa onde não tem telhado. Esta criança auxilia a mãe nos cuidados do irmão menor, não brinca na rua com outras crianças porque a mãe considera a vila um local perigoso e nos dias de chuva não vai à aula porque a mãe não tem condições de carregar o irmão, que precisa acompanhá-los para não ficar sozinho em casa. No ambiente familiar, não observou-se a presença de objetos que denotem eventos de letramento. Partindo deste contexto, pobre em capital financeiro e humano, há uma grande probabilidade desta criança não encontrar na escola conhecimentos com os quais possa se identificar.

4.2 A Busca de Apoios e Parcerias

Apoios e parcerias implicam a existência de uma identidade de interesses, para cooperar é preciso ter um propósito em comum entre os participantes do conjunto. Para tanto é necessário ter claro o que cada um busca e o que cada um oferece e a responsabilidade de cada parte.

Com o objetivo de buscar apoio de instituições foi criado um documento que apresenta o projeto Joana d`Arc em Luta pela Dignidade de forma resumida. Este documento foi enviado via e-mail para algumas editoras e fabricantes de brinquedos com o objetivo de angariar materiais para o espaço lúdico-educativo.

Houve contato com a Fundação Educar DPaschoal, via Internet. Desta forma, obteve-se a doação de livros infantis para serem utilizados pelas crianças do espaço lúdico-educativo. A fundação solicita o envio de um relatório, com a descrição das atividades desenvolvidas a partir das leituras dos livros.

A interação com instituições públicas como a Secretaria Municipal de Educação (SMED) era prevista no projeto Crescer Juntos, com o objetivo de integrar as crianças da comunidade a programas educativos desenvolvidos pelo poder público. Assim, foi estabelecido contato com representantes do Programa Primeira Infância Melhor (PIM), em Porto Alegre denominado PIA (Primeira Infância Alegre) com o objetivo de que este programa fosse desenvolvido com a comunidade da Vila Joana d`Arc.

O PIM é um programa ligado à Unesco, coordenado pela Secretaria Estadual da Saúde em conjunto com as Secretarias Estaduais de Educação, da Cultura e do Trabalho, Cidadania e Assistência Social e Gabinete da Primeira-Dama, sendo executado pelas prefeituras municipais, inclusive pela prefeitura de Porto Alegre através da Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Municipal da Saúde e Fundação de Assistência Social e Cidadania. Este programa é destinado a famílias com crianças de 0 a 6 anos, tem o objetivo de orientar as famílias, a partir de sua cultura e experiências, para que possam estimular as capacidades e potencialidades das crianças.

Em 13 de julho de 2006 com a aprovação da Lei 12.544/2006, o Programa Primeira Infância Melhor tornou-se uma política pública permanente. Segundos dados fornecidos pela Coordenação Estadual do PIM, no Rio Grande do Sul são 38.000 famílias e 55.000 crianças atendidas. Dos 496 municípios gaúchos, 315 se capacitaram a desenvolvê-lo e desses 212 já incluíram o PIM em seus programas de investimento social.

A representante da SMED no PIM demonstrou interesse em ampliar a área de atuação do programa, podendo ser a Vila Joana d`Arc uma candidata a receber este Programa. A representante considera importante iniciar o trabalho junto às famílias que participam do projeto, entrando na comunidade via projeto, em função do vínculo já construído com a comunidade, e posteriormente vislumbra a possibilidade de expandir o atendimento para toda a comunidade.

Em agosto está prevista uma visita da representante à vila, em um dia de atividade com as mulheres e crianças, para que possa conhecer a região e a comunidade. Na ocasião, ela convidou a técnica e a estagiária do Crescer Juntos a participar do seminário de formação de visitantes do PIM, no período de 18 a 28 de julho, afim de conhecerem melhor a proposta e o trabalho do PIM.

Para o projeto Crescer Junto, o PIM é visto como uma alternativa de atendimento às famílias de todas as crianças pré-escolares da comunidade, incluindo as não contempladas pelo projeto.

Também foi buscada a parceria com as instituições que atuam com a comunidade como o Programa de Saúde da Família (PSF) Milta Rodrigues. A iniciativa se deu com o objetivo de divulgar informações sobre o projeto e formar uma rede de cooperação.

Uma instituição do entorno é a Creche Santa Rita de Cássia, localizada na comunidade vizinha, a Vila Colina. Esta instituição atualmente é sede de dois programas da FASC (Fundação de Assistência Social e Cidadania): Serviço de Apoio Sócio Educativo (SASE) e Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), atendendo 80 crianças do Ensino Fundamental, sendo uma pequena parcela formada por crianças da Vila Joana d`Arc. A instituição já vem desenvolvendo um trabalho com um número elevado de crianças e famílias dentro de um espaço físico pequeno. Assim, percebeu-se a dificuldade de inserção de mais crianças da Vila Joana d`Arc a este espaço.

O projeto Crescer Juntos: Um Espaço Lúdico Educativo na Vila Joana d`Arc foi enviado, em março de 2006, para a seleção de projetos do Programa Parceiros em Ação promovido pelo Santander Banespa, com o objetivo de captar mais recursos para a instalação do espaço lúdico-educativo. Mas, não foi selecionado, um dos motivos é porque este programa busca dar apoio a iniciativas que preparam multiplicadores sociais.

4.3. As Oficinas Lúdico-Educativas

O primeiro encontro com as crianças foi em 07 de junho, enquanto vinte e seis mulheres entrevistadas e convidadas a participar do projeto reuniram-se na paróquia. As crianças participaram de atividades recreativas no salão paroquial. Havia aproximadamente dezessete crianças com idade entre 6 meses a 13 anos. A entrada foi livre para todas as crianças que chegavam, nem todas eram filhas das mulheres do projeto, apenas dez crianças eram filhas das mulheres que estavam na reunião, algumas entraram porque viram a porta do salão aberta e movimento de crianças. Na equipe estava a pedagoga, uma nutricionista, uma estagiária da psicopedagogia e uma voluntária, graduanda do curso de Biologia.

O objetivo principal era conhecer as crianças e promover a adaptação com as pessoas da equipe, a proposta seria acolhê-las e observá-las, para tanto, foram organizados alguns materiais, jogos, papel e giz de cera, que ficaram à disposição para que escolhessem a atividade, apenas eram orientadas quanto às regras dos jogos ali disponíveis. Assim, as crianças tiveram contato com atividades plásticas, desenhando e colorindo e com jogos como quebra-cabeça, encaixe, dominó, que envolvem atenção e concentração, varetas, que promove o controle do movimento, jogos de argola, que exigiam agilidade e pontaria e Cara a Cara, que necessita de observação e verbalização.

O que mais chamou a atenção na atitude das crianças foi a forma como exploravam os jogos, elas iniciavam e à medida que encontravam dificuldades abandonavam o jogo e partiam para outro onde agiam da mesma forma. Outro fato que merece atenção é o livre trânsito das crianças entre o salão paroquial e a paróquia, seguidamente iam ver suas mães ou saíam para a rua.

O que foi possível conhecer sobre as crianças?

A dificuldade de seguir às regras dos jogos pode estar associada a dificuldade de ter delimitações do espaço físico. Abandonar o jogo e deixar o espaço lúdico são comportamentos que denotam questões de vínculo. A pergunta é: Este comportamento faz parte do processo de adaptação ao novo ou é uma constante na vida delas, começar e desistir, aparecer e sumir? A resposta só aparecerá com a continuidade do convívio e maior interação com as crianças e as famílias.

O comportamento de sair do espaço delimitado das atividades, pareceu indicar que o limite delas é a vila e não o espaço do salão paroquial. Daí surge uma questão: Dar o limite ou suportar a angústia de não manter o controle sobre o deslocamento delas? Esta discussão

foi levada para equipe e considerando que as crianças, neste momento, são deixadas pelas mães sob a responsabilidade de terceiros, estes precisam assumir o papel de responsáveis pelo o que ocorra a elas e assim foi decidido que será estabelecido o limite.

Estabelecer regras ajuda a criança a antecipar e adequar o comportamento favorecendo a adaptação a diferentes situações. É importante que estas regras não sejam impostas, mas construídas coletivamente com o grupo afim de auxiliar a construção da autonomia.

O segundo encontro aconteceu no dia 14 de junho, o grupo infantil era composto de dez crianças, sendo que seis delas tinham as mães na reunião e as outras eram filhas de mulheres que se inscreviam para a lista de espera.

Havia menos crianças e na equipe estavam além das mesmas pessoas o estagiário de Teologia. Foram utilizados os mesmos materiais e a reação das crianças foi diferente. Elas demonstraram maior concentração, conseguiram seguir as regras dos jogos e conversaram com a equipe fazendo comentários sobre a comunidade e sua vida familiar. O fato de ter um número menor de crianças provavelmente favoreceu o maior entrosamento das crianças com os materiais e com a equipe, o conhecimento dos jogos também auxiliou o reconhecimento das regras, assim as dificuldades já eram previstas pelos jogadores. E a chuva impediu a saída para a rua.

Na semana seguinte, em 21 de junho, tivemos o terceiro encontro, estavam presentes sete crianças, duas já haviam participado do encontro anterior e duas não tinham as mães envolvidas no projeto. Neste dia a equipe era constituída pela pedagoga, a nutricionista, uma colaboradora do doutorado em Economia Solidária e a estagiária da Psicopedagogia. Houve a confecção de massinha de modelar. A transformação do pó da farinha e da anilina que ao serem misturados à água tornaram-se uma massa colorida, fez os olhos das crianças brilharem. Todas participaram com entusiasmo da atividade, até mesmo um menino que nos encontros anteriores apenas observava as atividades de longe, aproximou-se para modelar.

Outra atividade foi desenvolvida pela estagiária da Psicopedagogia, ela contou e dramatizou uma história “Quem Tem Medo de Bruxa”. As crianças sentaram e ouviram com atenção, no final da história, pediram para contar novamente, as menores demonstraram medo. Parece que as emoções e a imaginação a floraram.

Trabalhar com a transformação, partindo de um estado físico e chegando a outro, e com a imaginação, que além de permitir a elaboração de sentimentos, dá possibilidade de sair do lugar que se está para ir para outra situação, permite à criança vivenciar situações

onde a mudança ocorre a partir de nossa ação. Isso é bastante significativo para o contexto do projeto que pretende trazer a possibilidades de mudança.

Neste dia, as crianças pequenas que seguidamente saíam para ver a mãe permaneceram mais tempo com o grupo.

A cada semana posterior aos encontros, membros da equipe visitavam as mulheres que não estavam presentes com o objetivo de saber o motivo da ausência e novamente convidá-las a participar da reunião seguinte, juntamente com as crianças.

O encontro seguinte, de 28 de junho, contou com a participação de dezesseis crianças, muitas delas não havia participado dos anteriores, quatro dessas crianças não têm as mães vinculadas ao projeto. A equipe contava além da pedagoga com uma estagiária da Psicologia e uma da Psicopedagogia. Neste encontro surgiu uma situação que provocou um questionamento quanto a participação das crianças que não são filho(as) das mulheres vinculadas ao projeto.

A estagiária de Psicologia confeccionou crachás para a equipe e para as crianças cuja as mães encontravam-se na reunião, mas confundiu-se e deu o crachá para um menino no qual a mãe não participa do projeto e logo, duas crianças que vinham participando dos encontros espontaneamente questionaram: “Por que ele tem e a gente não?”

Neste momento foi percebido que era preciso definir a participação ao espaço lúdico-educativo. Como um projeto que pretende promover a inclusão, a exclusão parecia contraditória. O assunto foi tratado na equipe e houve a percepção de que era preciso pensar na possibilidade de participação dessas crianças, sem diferenciá-las.

Ainda no mês de junho, recebemos uma doação significativa de livros, jogos e brinquedos usados em excelente estado de conservação. Isso viabilizará a construção de uma mini-biblioteca que possibilitará a circulação dos livros na comunidade através de um sistema de empréstimo.

Os encontros eram sempre nas quarta-feiras, mas na semana seguinte foi na sexta-feira, no dia 8 de julho. Neste dia foi utilizado pela primeira vez o espaço da capela. Foi isolado o altar com cadeiras para proteger os objetos eucarísticos. As atividades desenvolvidas foram brincadeiras com músicas, movimentos que envolviam representação de animais, brincadeiras com balões e confecção de um painel com anilina misturada à água. Contávamos com a participação de dez crianças e na equipe estava a pedagoga, a estagiária de Psicopedagogia, uma estagiária da Psicologia e a coordenadora do projeto Joana d`Arc.

Um incidente com a tinta, que virou no chão, foi um indicativo da fragilidade de nossa permanência na capela. A equipe ficou muito abalada e naquele momento só se

preocupou em limpar o chão afim de evitar problemas com os representantes da igreja quanto ao uso inadequado do local. Isso fez com que a equipe pensasse na necessidade da troca de espaço.

No final de semana seguinte, alguns membros da equipe se reuniram com o casal representante da igreja e relataram a situação ocorrida no último encontro das crianças. Os representantes disseram estar conscientes desta dificuldade e por preverem alguns percalços como este, adiariam a pintura, já prevista, da capela. Mas, posteriormente, em agosto, o reparo da pintura aconteceu. A forma como se posicionaram deixou a equipe mais tranquila, naquele momento, contudo fica a preocupação em planejar atividades que não ofereçam perigo para a conservação do local. A capela é um local sagrado, para muitos, e por isso gera insegurança na equipe ao utilizá-la com um público tão espontâneo e ativo quanto as crianças.

A Associação dos Moradores parece ser um espaço mais adequado, mas a dificuldade reside na capacidade de confiabilidade dos atuais administradores. Segundo, alguns atores locais, estes não vêm prestando contas dos gastos e dívidas da associação que, no momento, encontra-se sem registro, por inadimplência.

Em uma reunião com o casal representante da pastoral da igreja católica, foi comentado por eles o desejo de utilizar a sede da associação de moradores para a construção de uma creche, inclusive contando com apoio financeiro de um político e de uma entidade. Ao mesmo tempo, solicitaram nosso apoio no sentido de mobilizar o grupo de mulheres para mudar a situação da associação através de votação para a escolha de nova equipe diretiva, tendo em vista ser este o impeditivo de futuros empreendimentos que viriam favorecê-las diretamente.

O encontro do dia 12 de julho reuniu um maior número de crianças, eram dezoito crianças em idade de 1 a 13 anos. Tínhamos na equipe a pedagoga, a estagiária da Psicopedagogia, a colaboradora da Biologia e a presença de mais duas colaboradoras, uma graduanda da Psicologia e uma mestre em Artes Plásticas. A atividade proposta foi um passeio pela vila afim de mostrá-la para as novas integrantes, depois foram oferecidos novos jogos para as crianças explorarem.

O passeio foi muito importante para as crianças porque deu a elas a oportunidade de mostrarem um conhecimento que é próprio delas, moradoras da vila, elas guiaram o grupo e ficaram orgulhosas em mostrar a sua casa, perseguiram caminhos de difícil acesso, incluindo trechos íngremes, demonstrando toda a sua agilidade e desenvoltura. Na volta fizeram um desenho coletivo da Vila Joana d`Arc. Para os jogos as crianças foram divididas em grupos

ficando uma pessoa da equipe com cada um dos pequenos grupos, isso auxiliou as crianças a se organizarem de acordo com as regras dos jogos e a persistirem até o final. As crianças só perderam o interesse pelos jogos quando o lanche chegou.

V. Avaliação da Experiência

5.1. Aproximação ao Quadro de Metas

A proposta da avaliação é determinar em que medida estão sendo executadas as atividades propostas no projeto considerando etapas, recursos e indicadores:

As principais atividades propostas no projeto são:

- + Desenvolver oficinas lúdico-educativas com as crianças;
- + Organizar as crianças por idade: pré-escolar (3 a 6 anos) e escolar (7 a 12 anos) para melhor atender os interesses e necessidades dos participantes;
- + Organizar o espaço lúdico-educativo: colocar paredes divisórias, prover materiais a serem utilizados pelas crianças tais como livros, jogos e brinquedos;
- + Buscar parcerias com instituições promotoras de programas sócio-educativos como SMED e FASC;
- + Buscar apoios de instituições públicas ou privadas para a obtenção de recursos materiais ou financeiros;
- + Realizar entrevistas com as mães sobre a história de vida da criança;
- + Contatar com instituições educativas do entorno;
- + Convidar e capacitar algumas mulheres para a participação nas atividades do espaço lúdico-educativo;
- + Promover encontros com as famílias para troca de conhecimentos e orientações sobre o desenvolvimento infantil;
- + Visitar as escolas em que as crianças estão matriculadas;
- + Oferecer apoio psicopedagógico para as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem.
- + Monitorar a frequência das crianças no ensino regular.

O cronograma do projeto foi alterado, devido ao atraso na assinatura do contrato entre Petrobras e PUC/RS, previsto inicialmente para janeiro de 2006, mas que só veio ocorrer em meados de abril.

As oficinas iniciaram com um número pequeno de crianças, mas atualmente estão sendo desenvolvidas com aproximadamente vinte crianças, sendo um grupo na quarta-feira, constituído pelos filhos das mulheres integrantes do Programa Fome Zero, e outro na sexta-feira, com os filhos das mulheres que inicialmente estavam inscritas na lista de espera. Estes

encontros estão ocorrendo no turno da tarde. As crianças não estão divididas por idade em função da falta de recursos humanos disponíveis e também porque não foram colocadas as divisórias na capela. Esta ainda não foi organizada para ser um espaço lúdico. Ainda que o espaço físico não esteja organizado, as oficinas lúdico-educativas já estão sendo desenvolvidas com as crianças que vêm para os encontros.

O espaço lúdico-educativo está no início do processo de implantação e de formação do grupo de crianças. Embora, a capela já estivesse definida como local das atividades do projeto desde sua elaboração, esta continua sendo apenas “a capela”, porque sua configuração permanece a mesma, impessoal. A sensação é de entrar num lugar que não é seu e por isso é preciso ter cuidado. Parece que ainda não ocorreu a apropriação do espaço pelos membros da equipe do projeto. É importante salientar que esta visão está baseada no sentimento de um técnico, que não tem a vivência na comunidade e por isso sente-se “de fora”.

É cedo para avaliar os resultados do projeto, mas a partir dos encontros realizados com as crianças foi possível elencar alguns indicadores qualitativos que evidenciam progresso: a adaptação das crianças ao ambiente lúdico e o nível de interesse das crianças pelas atividades propostas.

A primeira observação é quanto as crianças que nos primeiros encontros buscavam constantemente a presença da mãe, elas já sentem-se mais à vontade com a equipe e com as outras crianças e permanecem mais tempo nas atividades, logo mostram que estão evoluindo no processo de adaptação.

A segunda é a constatação de que as crianças são muito ativas, o grupo é normalmente formado por um número elevado de meninos na faixa etária entre 7 e 12 anos, e esses apresentam-se ágeis, e muitas vezes envolvem-se em conflitos com os colegas tornando o ambiente agitado e dificultando o prosseguimento das atividades.

Esses apontamentos indicam que está se formando um grupo, ainda que pequeno e variável, algumas crianças frequentam o espaço lúdico-educativo com assiduidade, outras aparecem esporadicamente, e a cada encontro surgem novas crianças. De acordo com as características predominantes dos participantes, este se configura como um grupo agitado e pouco cooperativo.

Para a equipe de trabalho fica difícil planejar atividades e prever a quantidade e tipo de materiais a serem utilizados porque desconhece o número de participantes de cada encontro e quem serão estes participantes, embora algumas crianças estejam sempre presentes. Como as idades são variadas é preciso pensar em atividades e materiais que

permitam a participação de todos e trazer propostas que favoreçam a socialização e a cooperação. As oficinas lúdicas devem permitir à criança extravasar as energias, mas em seguida, precisa oferecer momentos de relaxamento.

Um espaço para as crianças precisa ter uma identificação com a infância, e para tanto precisa ter ao dispor recursos materiais como brinquedos, jogos, livros, Cds, materiais para atividades plásticas e motoras, enfim, objetos de interesse das crianças. Atualmente dispõe-se de poucos materiais e estes são levados para serem utilizados nas atividades daquele dia e depois são retirados porque não há armário para guardá-los.

A implantação do projeto Crescer Juntos está sendo lenta, ainda falta uma estruturação para o espaço lúdico-educativo, e é exatamente aí que encontra-se o desafio, partir do marco zero e dar corpo a uma idéia. A palavra implantar⁴ significa introduzir, estabelecer, inserir uma coisa em outra, e a proposta que está no bojo do projeto é de Crescer Juntos, isso denota a idéia de evoluir e compartilhar. Logo, não é suficiente implementar um espaço lúdico-educativo como uma simples tarefa do projeto, mas é necessário que este espaço se identifique com os seus usuários e por isso a construção é gradativa e crescente, pois só podemos moldar este espaço com as crianças à medida que as conhecemos.

Algumas estratégias para a manutenção do espaço lúdico-educativo já estão sendo colocadas em prática, como a busca de apoio e parcerias com a instituição pública do entorno que desenvolve atividades sócio-educativas com as crianças e com o Programa Primeira Infância Melhor no sentido de garantir a assistência às crianças. As parcerias podem auxiliar na sustentabilidade da ação social proposta.

O contato com as famílias se deu a partir das entrevistas iniciais com as mulheres para a participação no projeto Joana d'Arc. A interação com as escolas foi posterior às entrevistas com as mães, o agendamento nas escolas daquelas crianças matriculadas ocorreu à medida que aparecia alguma queixa quanto ao processo de aprendizagem ou comportamento.

Muitas das atividades previstas no projeto ainda não ocorreram devido ao curto espaço de tempo de execução do projeto com a comunidade.

Dentre elas, ainda faltam: organizar o grupo de crianças por idade, visitar algumas escolas em que as crianças estão matriculadas; monitorar a frequência das crianças no ensino formal; promover encontros com a família para trocas de conhecimentos e orientações sobre o desenvolvimento infantil; orientar as mulheres, quanto ao atendimento às necessidades

⁴ Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2001.

infantis, para participarem das atividades do espaço lúdico-educativo; oferecer para as crianças escolares apoio psicopedagógico nas dificuldades de aprendizagem.

Todas estas atividades planejadas deverão ser desenvolvidas ao longo do período de desenvolvimento do projeto.

VI. Reflexões da Vivência

6.1. Considerações Teóricas

O projeto Crescer Juntos: Um Espaço Lúdico-Educativo na Vila Joana d'Arc pretende introduzir inovações na comunidade utilizando os recursos físicos e humanos disponíveis. Para tanto, é preciso desenvolver relações que desencadeiem o fortalecimento, empoderamento e o capital social da comunidade.

Capital Social implica ter vínculos de confiança, estabelecer relações horizontais e recíprocas de cooperação e demonstrar compromisso social com todos os membros da comunidade. Segundo o Banco Mundial, in D'Araújo (2003), capital social expressa a capacidade de uma sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoal e rede de cooperação com vistas à produção de bens coletivos. Refere-se às instituições, relações e normas sociais que dão qualidade às relações interpessoais em uma dada sociedade. A questão é: o que é preciso para desenvolver o capital social?

Putnam (1993) estudou as disparidades de desenvolvimento entre o norte e o sul da Itália analisando o desenvolvimento local no processo de descentralização do governo da Itália. Ele pontuou que a cultura cívica, o maior envolvimento da população com a coisa pública, associada a confiança interpessoal baseada em regras de reciprocidade se traduz em um recurso de poder para o indivíduo e para a sociedade, em um capital social. Na região norte da Itália as pessoas demonstravam maior capacidade de confiarem e cooperarem, a população estabeleceu laços horizontais de participação. Esta região prosperou mais que a região sul que se mostrava mais hierarquizada e individualista.

Assim, percebe-se que a forma de organização e a participação são essenciais para a formação ou esvaziamento do capital social e conseqüentemente para o desenvolvimento local. Em se tratando de mulheres, Zapatta (2000) salienta a importância de estarmos atentos às formas de participação: ilustrativa ou efetiva, sendo a mulher atora ou autora, é preciso saber quem tem o poder de autorizar e legitimar a participação. Esta é uma questão que envolve a consciência de gênero, e é de extrema relevância quando se deseja ter a mulher como beneficiária de um projeto.

É a partir do grupo de mulheres e de crianças que surgirão as mudanças de comportamento na comunidade, pois estes são os protagonistas dos referidos projetos.

O projeto busca legitimidade quando entra na comunidade através da Igreja Católica, instituição reconhecida em função das atividades sociais que realiza há alguns anos na comunidade.

A todo tempo fala-se de comunidade, referindo-se a um local que possui uma dinâmica própria. Comunidade lembra território, um espaço com uma identidade própria, com especificidade e singularidade. Também pensamos em população como indivíduos que vivem em coletividade, que estabelecem comunicação, trocas.

Bauman (2003) traz o entendimento de comunidade de Robert Redfield (1971), que atribui três características que definem comunidade: distinção, pequenez e auto-suficiência. Uma comunidade é distinta de outros agrupamentos humanos, é visível onde ela começa e onde ela termina, é pequena a ponto de estar a vista de todos os seus membros e a comunicação entre os de dentro alcança tudo, e é auto-suficiente em função do seu isolamento em relação aos de fora, protegendo os membros da comunidade das ameaças a seus modos habituais. O entendimento comunitário se dá pela homogeneidade e mesmidade. A questão colocada por Bauman é que enquanto essas características estiverem intactas será pouco provável surgir a motivação para a reflexão, a crítica e a experimentação. A mesmidade desaparecerá a medida que a comunicação entre os de dentro e o mundo exterior se intensifica e passa a ter mais peso que as trocas internas, assim as fronteiras entre o dentro e o fora não podem mais ser estabelecidas. Desta forma, o sentimento de estar em comunidade e ser uma comunidade que traz a esperança de segurança, compartilhamento e cuidado mútuo passa a ser buscado no mundo globalizado.

Para Maturana (1999) a comunidade é vista como um sistema social particular. Para explicar este conceito, o autor utiliza argumentações biológicas fundamentadas no ser vivo e é preciso partir do reconhecimento de que o ser humano individual é social e o ser humano social é individual. Cada indivíduo constitui com a sua conduta uma rede de interações que é para ele um meio no qual se realiza como ser humano. A natureza do fenômeno social humano está na aceitação e no respeito pelo outro e as mudanças estruturais são desencadeadas nas interações com o meio.

A comunidade se distingue pela característica de redes de relações que realiza, seus membros apresentam comportamentos distintos de outras comunidades. Se um de seus membros muda o comportamento o sistema social que estes indivíduos geram com suas condutas também muda. Conforme Maturana (1999:201) *‘Em geral os componentes de um sistema social podem participar de outras interações fora do sistema social que constituem. Se como resultado de tais interações, a estrutura dos componentes de um sistema social*

mudar, de modo que sua maneira de integrá-lo mude sem destruir sua organização, a estrutura do sistema muda, e aparece, para um observador como sendo o mesmo sistema, porém constituído como uma rede de condutas diferente. O mesmo pode ocorrer com a incorporação, em um sistema social, de novos membros com uma história prévia de interações independentes dele.”

As características de uma sociedade só pode mudar se mudar a conduta de seus membros. Mudará de maneira não conservadora se tiverem interações fora da própria dinâmica do sistema social, o que vai depende da mobilidade de seus membros e da abertura destes para admitir tais encontros, e/ou por reflexões na linguagem que acontece cada vez que nossas interações nos levam a descrever nossas circunstâncias ao desencadear em nós uma mudança de domínio que define uma perspectiva de observação, nos leva a contemplar o nosso mundo e o mundo do outro, e a fazer uma descrição de nossa circunstância e das do outro. Maturana enfatiza que uma inovação social se impõe ou pela sedução, ou porque os novos membros não podem evitar crescer nela.

O projeto entra nesta comunidade como uma força externa que dará origem a mudanças estruturais neste sistema, à medida que provoca mudanças estruturais em seus membros. A entrada da equipe na comunidade já instaura uma modificação, as pessoas passam a conviver com outro linguajar, começam a questionar a situação atual e se organizam de forma a participar de um empreendimento com vistas a uma mudança futura.

Carlos Matus (1996) enfatiza a importância de conhecer os atores, seus interesses, suas motivações e os conflitos de interesses existentes em uma comunidade, pois isso auxilia a termos a base para reações e ações hipotéticas em determinadas circunstâncias, concebidas como possíveis a partir das características de suas atuações. O código operacional de um ator nos auxilia a prever o espaço de suas possíveis ações, negar determinadas possibilidades e afirmar a probabilidade significativa de outras.

No processo de interação com os atores locais, entendidos como indivíduos que possuem uma legitimidade na comunidade, observa-se características de atuação próprias de cada pessoa que nos permite ter uma idéia de seus valores, mostrados inicialmente através do discurso, mas posteriormente também pelas atitudes. A forma de atuação nem sempre está de acordo com o discurso. É preciso estar atento e usar este conhecimento para antever ou evitar situações que não contribuam com os propósito do projeto. Dependendo da representação que estes atores tenham para a comunidade, eles podem influenciar o sucesso ou insucesso do empreendimento.

Assim como as mulheres, as crianças também serão agentes de mudança na comunidade. No momento, cada mulher e cada criança está entrando em contato com o externo, a equipe do projeto e também com os demais membros da comunidade, que embora convivam no mesmo local geográfico, ainda são consideradas novas, porque cada participante carrega a sua identidade e particularidades, logo cada pessoa é um objeto de conhecimento relevante para a formação do grupo.

Considerações Finais

A principal crítica ao projeto é o fato de ter sido elaborado a partir de dados quantitativos, disponíveis em um levantamento realizado em 2001 pela Associação de Moradores, portanto partiu de dados restritos e já desatualizados. Os dados qualitativos da comunidade só foram efetivamente apreendidos na fase de execução do projeto.

Alguns comentários podem ser tecidos quanto as dificuldades encontradas e as estratégias utilizadas para enfrentá-las no decorrer do processo. O objetivo é refletir sobre a prática, afastando-se da situação afim de melhor revê-la e reelaborá-la para uma próxima ação.

Um sentimento que perpassou a equipe é o de que a todo o momento a sustentabilidade do projeto estaria em risco, seja em relação à entidade patrocinadora, às parcerias ou aos atores locais.

É pertinente a colocação de que durante o processo de implantação e execução do projeto ocorreram inúmeras situações inusitadas que exigiram ações imediatas como: o atraso dos recursos financeiros que conseqüentemente causou a mudança no cronograma das atividades; a falta de recursos humanos para atuarem no espaço lúdico-educativo que precisou se valer da equipe do projeto guarda-chuva e colaboradores voluntários para manter as atividades; o próprio comportamento das crianças que embora se interessassem pelas atividades não conseguiam concluí-las, pois freqüentemente afastavam-se do espaço ou envolviam-se em conflitos com os colegas sendo premente a colocação de regras e limites; o receio de utilizar a capela como espaço de convivência infantil sendo inevitável já pensar na busca de um outro espaço para o futuro.

Também foi preciso ter muito cuidado na forma de lidar com os conflitos internos e a disputa de poder entre os membros da comunidade, assim como, com as limitações pessoais dos envolvidos, equipe e comunidade. Esta é uma fase de experimentação entre os membros da comunidade e o mundo exterior. O respeito pelos costumes e dificuldades das famílias envolvidas e a atenção aos problemas relacionais da comunidade foi imprescindível para estabelecer o vínculo com as mulheres, as crianças e os atores locais.

Um aspecto importante para a promoção da reflexão foi a formação de uma equipe multidisciplinar que em função de diferentes olhares desencadeou discussões muito ricas, fazendo com que os técnicos e estagiários saíssem de sua área de formação e entrassem em contato com novos conhecimentos.

As ações previstas no projeto tendem a nortear o trabalho, de modo a alcançar seus objetivos, entre elas estão contempladas algumas estratégias de sustentabilidade: envolvimento das mães no espaço lúdico-educativo, parcerias com instituições públicas de atendimento às crianças e mobilização das famílias na busca de um espaço infantil para as crianças da comunidade. Com o andamento do projeto ficou ainda mais clara a importância dessas ações para que o projeto possa atingir suas metas e objetivos.

Diante das dificuldades, um elemento muito importante para apostar na concretização do projeto foi a convicção da possibilidade de transformação embutida na proposta que moveu a ação, a certeza de que é possível construir uma realidade diferente, ainda que em uma micro esfera, naquela comunidade, com esta família, com esta criança.

Com o crescimento do capital social das famílias envolvidas a tendência é de que o grupo de mulheres e de crianças se fortaleça e sintam-se capazes de alavancar mudanças promotoras de bem-estar da comunidade. Este poderá ser o início de um processo de mudanças estruturais que envolvam conscientização e mobilização das famílias para uma melhor qualidade de vida na comunidade. Com isso, a comunidade torna-se protagonistas das mudanças. Segundo palavras do Prof. Pedrinho Guareschi, consultor do projeto Joana d'Arc em Luta pela Dignidade, o projeto é o primeiro passo para sair da exclusão.

Referências Bibliográficas

Bauman, Zigmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.

D`Araújo, Maria Celina. *Capital Social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.

Guareschi, Pedrinho. *Psicologia Social Crítica como Prática de Libertação*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2005.

Huertas, Franco. *Entrevista com Carlos Matus: O Método PÉS*. São Paulo, Edição Fundap, 1996.

Macke, J.; Carrion, R. *Os Programas de Responsabilidade Social Corporativa Contribuem para o Desenvolvimento Local? O Capital Social em Análise*. Porto Alegre. 2006. Mimeo.

Maturana, R. H. *A Ontologia da realidade*. Cristina Magro, Mirian Graciano e Nelson Vaz; organizadores. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999.

Zapata, Tânia. *A Perspectiva de Gênero no Desenvolvimento Local*. Recife. 2000. Mimeo.

FOTOS E ANEXOS



Salão paroquial e Capela Santa Joana d'Arc



Rua da igreja



Rua acima da igreja



Vilinha



Associação de Moradores da Vila Joana d' Arc



Oficina lúdico-educativa na capela



Atividade recreativa em frente à igreja



Jogos





Oficina lúdico-educativa no salão paroquial